

## A PRÁTICA DO ENSINO DE HISTÓRIA EM QUIRINÓPOLIS-GO<sup>1</sup>

LIMA, Mirtes Ferreira de Freitas<sup>2</sup>

NOGUEIRA, Wanderleia Silva<sup>3</sup>

REZENDE, Alda Martins de<sup>4</sup>

**Resumo:** O artigo é uma reflexão sobre as práticas pedagógicas vivenciadas atualmente no ensino de História, bem como do processo ensino-aprendizagem como um todo. Trata-se de um texto didático-pedagógico que tem por objeto de investigação as práticas pedagógicas de ensino de História nas escolas públicas, municipal e estadual, no ensino fundamental de 6º ao 9º ano no município de Quirinópolis-Go. A problemática diz respeito a um número cada vez maior de alunos que resistem ao ensino da disciplina de História. Diante desse contexto, vem a nossa hipótese, isto é, o problema tem suas raízes não identificação do aluno com os conteúdos ensinados nas escolas, na resistência em aderir à abordagem histórico-social do processo ensino-aprendizagem, nos procedimentos didático-pedagógicos e teórico-metodológicos que os professores têm utilizado em sala de aula. Nesse sentido, essa pesquisa justifica-se pela necessidade de contribuir para a melhoria da prática pedagógica da disciplina de História, apontando algumas soluções no sentido de diminuir e, na medida do possível solucionar o desinteresse do aluno em relação ao estudo da História e, a partir daí, propiciar a elaboração de uma prática pedagógica que o leve a ter um maior aproveitamento no estudo dessa disciplina. Optamos por uma pesquisa de análise teórico-empírica, baseada numa ampla pesquisa de campo, bibliográfica e também em relatos orais. Teoricamente, valemo-nos das considerações propostas por Durkheim, Cunha, Cabrini, Schmidt, dentre outros. A análise permitiu observar que ainda há um longo caminho a percorrer para que possamos colocar em prática todas essas discussões, uma vez que o “sistema” nos impõe uma série de desafios.

**Palavras-chave:** práticas pedagógicas, aprendizagem, ensino, história.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi elaborado para o IV EDIPE que será realizado em Goiânia-Go, na Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC-GO, nos dias 18 a 20 de maio de 2011.

<sup>2</sup> Mestranda em História, Cultura e Poder pela PUC-GO, especialista em Formação Didático-pedagógica para o Ensino Superior (UFU) e em Formação Sócio-econômica do Brasil (UNIVERSO). Atualmente é professora de Estágio Supervisionado I e Didática e Metodologia do Ensino de História II no Curso de História. UEG-Quirinópolis. É também professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação. [mirtesueg\\_historia@yahoo.com.br](mailto:mirtesueg_historia@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Mestre em História, Cultura e Poder pela PUC-GO. Professora de Estágio Supervisionado II do Curso de História da UEG-Quirinópolis. [wanderleiasnogueira@hotmail.com](mailto:wanderleiasnogueira@hotmail.com)

<sup>4</sup> Especialista em Formação Sócio-econômica do Brasil (UNIVERSO) e em Metodologia do Ensino Fundamental (UFG), licenciada em Educação Física e História. Atualmente é professora de História da Educação no Curso de História; Sociologia da Educação no Curso de Biologia e Corpo, Cultura e Expressividade no Curso de Pedagogia. UEG-Quirinópolis. É também professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação. [alda.m.rezende@gmail.com](mailto:alda.m.rezende@gmail.com)

## **Introdução**

Desde que foi formalizada a educação tem sido tema de vários estudos enfocando seus aspectos históricos, sociológicos, filosóficos e psicológicos, os quais estudamos para que de posse de uma instrumentalização teórica possamos analisar as práticas pedagógicas e apontar possíveis soluções aos seus problemas.

A ciência da educação está relacionada com os mais diversos campos do saber, nos quais busca auxílio para desenvolver as teorias pedagógicas que desempenham papel importante num determinado contexto histórico, mas que muitas das vezes se tornam ultrapassadas ante a evolução do conhecimento e da própria sociedade. Diante de tais transformações, outras propostas educacionais têm surgido para atender às novas exigências existentes no nosso contexto histórico.

Os conhecimentos que o homem possui é que lhe capacitam para o sucesso intelectual. Por isso, o saber deve ser o mais amplo possível, ou seja, deve corresponder ao momento histórico de evolução sócio-cultural.

Diante desse contexto, despertar o interesse do aluno para os vários campos do saber tem sido um grande desafio. Nesse sentido, faz-se necessário uma reflexão sobre as práticas pedagógicas vivenciadas no ensino de História, tendo como foco da problemática, o desinteresse do aluno pela disciplina de História. Quanto a isso percebe-se que o problema tem suas raízes, principalmente, na não identificação com os conteúdos ensinados nas escolas, pois ao contrário, sabe-se “que tratar um conteúdo vinculado à realidade do aluno permitirá mais facilmente se chegar com ele ao conhecimento concreto do objeto, à sua descoberta, ou seja, apreendê-lo em seu movimento, em suas contradições”. (CABRINI, 1994, p. 39). Assim, este artigo fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos da Pedagogia Histórico-crítica tem a finalidade de contribuir para o redimensionamento da prática pedagógica dos professores, mais especificamente os de História.

## **Um breve olhar sobre o processo ensino-aprendizagem segundo as propostas tradicional e histórico-crítica**

Pode-se observar que no ensino de História, ainda prevalece a divisão entre o saber e o não saber. O conhecimento histórico é um produto acabado e pronto, onde a única verdade é aquela trazida pelo professor, cabendo ao aluno consumir esse produto passivamente,

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

permanecendo assim “prisioneiro de uma concepção de certa forma mágica ou teleológica do conhecimento do passado: é uma história ‘revelada’”. (CABRINI, 1994, p. 21).

Como vê a história ensinada nas escolas, segundo essa concepção é uma história acabada, pronta, factual, linear e “verdadeira”, em que os conteúdos se apresentam muito distantes da realidade vivida pelo aluno. Este deve apenas aceitá-la e consumi-la, sem nenhum questionamento, análise e reflexão.

A educação tem o papel de manter o equilíbrio, a conformidade e a conservação da sociedade capitalista, impondo ao educando modos de agir, de sentir, de ouvir, que nada mais é que o total controle das massas com o intuito de manter a coesão social, como enfatiza Durkheim,

Toda a educação consiste num esforço contínuo para impor à criança maneiras de ver, de sentir e de agir às quais ela não teria chegado espontaneamente [...] esta coação permanente exercida sobre a criança é a pressão do meio social que tende a moldá-la à sua imagem, e da qual os pais e professores não passam de representantes e de intermediários. (DURKHEIM, 1983, p. 89).

Em contrapartida, as tendências pedagógicas que visam à formação de um homem crítico, reflexivo, participativo com o intuito de promover uma transformação social são as que filiam ao paradigma Histórico-social, ou Nova Proposta segundo Cunha, que busca promover uma participação democrática na sociedade.

Nota-se uma grande preocupação em despertar o aluno para o “fato de que o conhecimento histórico é algo construído a partir de um procedimento metodológico (...) que a história é uma construção. Isso é fundamental para o início da destruição do mito do saber acabado e da história como verdade absoluta”. (CABRINI, 1994, p. 29).

Portanto, o ensino de História segundo a concepção histórico-social está voltado para um ensino crítico, reflexivo e dialético. Busca-se constantemente, despertar no educando sua capacidade de questionar e analisar, levando-o a se expressar como sujeito de seu próprio conhecimento e também a um posicionamento mais crítico e participativo no contexto histórico e social de que faz parte.

Busca-se, a totalidade, a interdisciplinaridade, uma maior interação entre teoria e prática. As partes são importantes desde que sejam para melhor compreender o “todo”. Assim, a relação entre educação e sociedade é dialética, de reciprocidade.

**Descrição e problematização das práticas pedagógicas vivenciadas atualmente na cidade de Quirinópolis-Go**

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Toda e qualquer prática pedagógica desenvolvida no contexto escolar se norteia por uma concepção de sociedade, de homem, de educação, de conhecimento que, por sua vez, reflete um fundamento filosófico-ideológico.

Isso nos conduz ao entendimento de que para compreendermos, analisarmos e propormos alternativas para o desenvolvimento pedagógico vivenciado no cotidiano escolar temos em primeiro lugar, que conhecermos as concepções de mundo, de sociedade, de homem, de educação, de conhecimento, de escola, de ensino, de professor, enfim de aluno, bem como suas matrizes filosóficas, para que de posse desses conhecimentos, possamos definir melhor a corrente pedagógica que fundamentará nossa prática e conseqüentemente nossa visão de mundo.

Temos constatado que, na maioria das vezes, apenas reproduzimos aquilo que aprendemos sem, contudo, refletir sobre nossa prática, sobre a teoria pedagógica que a fundamenta e, menos ainda, sobre o tipo de “homem” que estamos ajudando a formar.

No que se refere às práticas pedagógicas vivenciadas atualmente na cidade de Quirinópolis-Go., tem-se constatado o desinteresse por parte de alguns alunos em relação ao ensino de História, em parte devido aos procedimentos metodológicos utilizados pelos professores, uma vez que, as inovações tecnológicas, quando acolhidas pelos educadores, “têm normalmente sido usadas como técnicas de ensino, estratégias para preencher ausências de professores ou como recursos para tornar as aulas menos enfadonhas”. (SCHMIDT, 2004, p. 64), bem como ao tipo de abordagem que estes dão ao ensino da história e à construção do processo histórico.

Outros fatores também contribuem para esse desinteresse dos alunos em relação ao ensino de História, entre eles constatamos a não identificação com os conteúdos ensinados nas escolas, isto é, os conteúdos não partem da realidade do aluno, não têm significado para sua prática social, pois a metodologia didático-pedagógica utilizada pelos professores leva-os ao comodismo, à apatia, ao desinteresse pela disciplina, e mais, ao desinteresse de construírem eles próprios o conhecimento de forma crítica e reflexiva. Por outro lado, “muitas vezes, é o próprio aluno (até mesmo na universidade) que oferece forte resistência em mudar essa situação, pressionando o professor a dar somente aulas expositivas, recusando-se, portanto, ele mesmo, à leitura e à reflexão”. (CABRINI, 1994, p. 50)

A maioria dos alunos desconhece o “papel” da História na formação de uma consciência mais crítica da sociedade da qual faz parte, permanecendo assim, sempre à margem dessa sociedade antidemocrática e do processo histórico propriamente dito.

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Diante do exposto, solucionar o desinteresse dos alunos pela disciplina de História tem sido nossa preocupação. Como despertar o interesse dos alunos pelo ensino da História? Como provocar uma mudança de postura, um redimensionamento da prática pedagógica desses professores? Como conscientizar esses alunos da necessidade de mudança dessa sociedade injusta que temos? Como inseri-los nesta sociedade?

Considerá-los simplesmente como pessoas que necessitam de noções básicas de História para que possam nortear suas relações sociais, parece primeiramente a solução, contudo, esbarra-se num desinteresse de ordem bem mais ampla e profunda que advém do próprio meio social em que vivem, que por sua vez comunga com o descrédito nacional em relação à justiça sob os âmbitos social, político, econômico e cultural.

A conscientização do aluno para a importância do ensino de História como elemento básico para compreender o processo histórico-social de produção da existência através das relações de produção que os homens estabelecem entre si, ou seja, a organização estrutural e funcional das sociedades é uma tarefa difícil e exaustiva, porém necessária. Para isso, precisamos colocar o aluno em contato direto com o problema de estudo e com a sociedade a que está inserido, pois só assim poderá

Adquirir a capacidade de realizar análises, inferências e interpretações acerca da sociedade atual, além de olhar para si e ao redor com olhos históricos, resgatando, sobretudo, o conjunto de lutas, anseios, frustrações, sonhos e a vida cotidiana de cada um, no presente e no passado. (SCHMIDT, 2004, p.65).

Uma das nossas maiores preocupações é tornar o ensino de história diferente do que vem sendo feito, para tanto, é necessário refletir sobre a concepção de história que está por trás desse ensino. É preciso uma revisão urgente no ensino da História, onde o aluno possa compreender o processo histórico numa visão de totalidade. Que o aluno perceba a utilidade da História em sua vida, ampliando sua visão de mundo, de sociedade e de homem, o que contribuirá para uma nova postura diante das desigualdades sócio-econômicas presentes na sociedade atual.

Por isso, diante das grandes transformações que a sociedade vem passando, as escolas precisam redefinir sua função social, seus conteúdos, objetivos, avaliação, enfim, sua filosofia, promovendo uma nova abordagem do processo ensino-aprendizagem.

#### **A questão metodológica**

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

A metodologia direcionou-se para a pesquisa qualitativa, na busca pela compreensão do processo da prática pedagógica dos professores de História ao trabalharem o ensino da disciplina, a partir da sua realidade de atuação, entendendo que esta realidade é construída pelos sujeitos que são seus atores sociais.

Relata-se, portanto, de acordo com Apolinário (2006), pontos teóricos, os quais se acredita serem norteadores para o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa.

O pesquisador assume um papel de não-neutralidade, de sujeito da pesquisa dentro do contexto pesquisado (...) a pesquisa qualitativa preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, crenças, valores, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações. (APOLINÁRIO apud PIGNATA, 2008, p.118).

O autor supracitado possibilita o entendimento de que o pesquisador, como membro de uma sociedade localizada no tempo e no espaço, no seu trabalho, traz consigo os seus valores para a análise dos dados e mapeamento da realidade de acordo com seu referencial, ou seja, o pesquisador não é neutro, é um ser político dotado de conhecimentos que, certamente, interfere na produção da pesquisa, não apenas como uma forma descritiva de relatar seus resultados.

Quanto aos procedimentos técnicos utilizados, optou-se por voltar-se à pesquisa bibliográfica, o que se justifica pela importância de estudos de literaturas pertinentes à temática, dando suporte diretamente embasado nas teses e dissertações de pensadores que já trabalharam a problemática em estudo. “A bibliografia abrange um conjunto de conhecimentos humanos reunidos nas literaturas de livros e artigos impressos já publicados por outros pesquisadores” (GIL, apud, PIGNATA, 2008, p. 115).

Posteriormente, a pesquisa encaminhou-se ao estudo de campo, uma forma direta de documentação, em que se buscou dados no próprio local para comprovar ou não as hipóteses. Gil (2006) salienta que o estudo de campo busca mais aprofundamento das questões propostas do que apenas a distribuição das características da população em relação a certas variáveis. Em seguida, a coleta de dados deu-se por meio de questionário lembrando-se de que os instrumentos foram elaborados pelas investigadoras a partir dos objetivos do estudo e da revisão de literatura realizada.

A preocupação com a prática pedagógica dos docentes emerge-se de uma situação natural de trabalho e de vida. A partir daí, decidiu-se trabalhar com um público de professores que atuam na área de História, na segunda fase do Ensino Fundamental, todos licenciados e

#### **IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011**

pós- graduados e que trabalham apenas nas instituições públicas de ensino na cidade de Quirinópolis-Goiás, e também com alunos dessa mesma fase de ensino e grupo gestor.

À priori, os professores não resistiram em colaborar com o desenvolvimento da pesquisa, todavia, as dificuldades surgiram no momento de se recolher o questionário, pois o professor alegava falta de tempo ou dizia haver respondido, mas não estava de posse dele. Dado a esses motivos, as respostas começaram a demorar e, mesmo com muita insistência, alguns acabaram não participando efetivamente, ou seja, 28.57% (vinte e oito ponto cinquenta e sete por cento), participando 71.43% (setenta e um ponto quarenta e três).

Concluída a etapa de recolhimento dos questionários, utilizou-se para análise dos resultados, representações gráficas à cerca das questões relativas ao tema. O modo de apresentação dos dados foi descritivo, usando a quantificação nos casos em que foi necessário caracterizar os sujeitos e quando a quantificação acrescentou para a compreensão da problemática. No entanto, o esforço foi no sentido de transpor a simples descrição, buscando-se realmente acrescentar a análise ao assunto em questão.

#### **Coleta de Dados: Análise e resultados**

##### **1 – Avaliação dos alunos de como as aulas de História são ministradas**

Quanto à avaliação feita pelos alunos das aulas ministradas pelos professores de História, foi o seguinte: o professor ministra as aulas com alegria e bom humor, ou seja, gosta da profissão; 3 alunos, ou seja, 11,5% responderam que sim; 01 aluno, ou seja, 3,8% respondeu que o professor de História trata os alunos com educação e simpatia; 03 alunos, ou seja, 11,5% responderam que ministrar boas aulas é obrigação do professor; 02 alunos, ou seja, 7,7% se abstiveram não quiseram responder; 11 alunos, ou seja, 42,3% acham que a professora explica muito bem os conteúdos; 02 alunos ou seja 7,7% disseram que a atitude da professora é democrática; 03 ou seja 11,5% responderam que os professores são excelentes e por fim, 1 aluno com um percentual de 3,8% respondeu que a professora resume os textos e explica bem. A pergunta foi aberta com respostas pessoais e diversificadas como demonstra a tabela abaixo.

**Tabela 01**

**Avaliação dos alunos de como as aulas de História são ministradas**

Avaliação de como as aulas de História são ministradas	Respostas	Percentual das respostas
Alegria e humor	03	11,5
Trata o aluno com educação	01	3,8
Obrigação do professor	03	11,5
Absteve	02	7,7
Boa explicação	11	42,3
Trabalha com democracia	02	7,7
Excelente professora	03	11,5
Resume os textos e explica	01	3,8
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>100</b>

Fonte: Questionário do aluno

**2 – Avaliação da metodologia de trabalho do professor**

Quando foram perguntadas sobre a metodologia usada pelos professores de História para ministrar suas aulas obtivemos as seguintes respostas: 25 alunos, ou seja, 42,8% não souberam argumentar e não souberam responder; 06 alunos, ou seja, 17,2% disseram que a professora ministra aulas expositivas; 04 alunos, ou seja, 11,4% disseram que assistem a filmes; 03 alunos, ou seja, 8,6% disseram que ela manda-os pesquisar; 03 alunos, ou seja, 8,6% disseram que a professora só passa texto e finalmente 04 alunos com 11,4% se abstiveram.

**Tabela 02**

**Avaliação da metodologia de trabalho do professor**

Metodologia	Respostas	Percentual das respostas
Não soube dizer	15	42,8
Aula expositiva	06	17,2
Filme	04	11,4
Pesquisa	03	8,6
Só texto	03	8,6
Abstenção	04	11,4
<b>Total</b>	<b>35</b>	<b>100</b>

Fonte: Questionário do aluno



**3 – Aulas extra classe x ambiente onde as mesmas são realizadas**

**Tabela 03**

**Aulas extra classe x ambiente onde as mesmas são realizadas**

	Local				Aula extra classe		
	Trabalho de campo	Laboratório de informática	Sala de vídeo	Só sala de aula	Aula de computação conteúdo de História	Raramente	Total
Respostas	04	05	03	19	02	04	37
%	<b>10,8</b>	<b>13,5</b>	<b>8,2</b>	<b>51,3</b>	<b>5,4</b>	<b>10,8</b>	<b>100</b>

Fonte: Questionário do aluno

04 respostas, ou seja, 10,8% disseram que sim, que tem aula de campo, mas não justificaram ou explicaram os locais; 05 respostas, ou seja, 13,5 foram que as aulas ocorrem no laboratório de informática; 03 respostas, ou seja, 8,2% responderam que as aulas ocorrem na sala de vídeo; 02 respostas, ou seja, 5,4% disseram que só tem aulas diversificadas de informática e, por último, 04 respostas, ou seja, 10,8% disseram que raramente tem aula extra classe e que saiam da sala de aula.

**4 – Conteúdo de fácil aprendizagem x conteúdo de difícil aprendizagem em História**

08 alunos que representam 30,8% acham fácil estudar a Grécia Antiga e a civilização Romana; 1 aluno que representa 3,8% acha fácil estudar a mesopotâmia; 01 aluno com 3,8% acha difícil elaborar textos históricos; 01 aluno com 3,8% acha fácil estudar o Egito; 05 alunos que representam 19,2% acham fácil estudar todos os conteúdos; 01 aluno que representam 3,8% acha fácil e gosta muito de estudar os hebreus e 03 alunos que representam 11,5% da amostra confundiram os conteúdos de História com Geografia. Nos conteúdos de difícil aprendizagem foram apresentados os seguintes: 05 alunos que representam 16,7% acham difícil aprender sobre os povos Pré-colombianos; 03 alunos que representam 10% não souberam responder; 09 alunos com um percentual de 30% não possuem dificuldades em nenhum conteúdo; 01 aluno, ou seja, 3,3% detesta estudar os povos Pré-históricos; 01 aluno, ou seja, 3,3% não gosta de estudar os Persas; 02 alunos que representam 6,7% acham difícil estudar Arte e Escrita; 01 aluno acha difícil estudar História porque o professor não explica direito; 02 alunos com percentual de 6,7% não gostam de

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

estudar os povos Hebreus; 01 aluno, ou seja, 3,3% não gosta de estudar os povos judeus, 01 aluno não gosta de estudar a religião dos povos antigos.

**Tabela 04**  
**Conteúdo de fácil aprendizagem x conteúdo de difícil aprendizagem em História**

Conteúdos	Fácil aprendizagem	Difícil aprendizagem	% de fácil aprendizagem	% de difícil aprendizagem
Povos Pré-Históricos	07	01	23,4	3,3
Povos Pré-Colombianos	01	05	3,3	16,7
Persas	-	01	-	3,3
Todos	05	-	16,7	-
Arte e Escrita	-	02	-	6,7
Hebreus	01	02	3,3	6,7
Egito	01	-	3,3	-
Todos (o professor não explica)	-	01	-	3,3
Judeus	-	01	-	3,3
Religião grega	-	01	-	3,3
Religião dos Povos Antigos	-	04	-	13,4
Grécia Antiga e Civilização Romana	06	-	33,4	-
Mesopotâmia	01	-	3,3	-
Não soube dizer	-	03	-	10
Nenhum	-	09	-	30
Citou conteúdo de Geografia	03	-	10	-
Elaborar texto	01	-	3,3	-
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>26</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: Questionário do aluno

#### 5 – Uso de recursos didáticos nas aulas de História

Quando foram perguntados sobre os recursos didáticos que os professores usam na sala de aula para auxiliar na aplicação dos conteúdos as respostas foram as seguintes: sobre o retroprojetor: 02 alunos responderam que usam na maioria das vezes o aparelho num total de 7,7% e 08 alunos, ou seja, 30,7% disseram que o professor nunca utilizou retroprojetor. Quanto ao uso do DVD obtivemos as seguintes respostas: 14 alunos, ou seja, 53,8% disseram que o professor usa na maioria das vezes; 10 alunos, ou seja, 38,5% disseram que o professor usa raramente, 05 alunos sendo 19,2% disseram que os professores nunca usaram este recurso; 02, ou seja, 7,7% disseram que o professor usa sempre.

**Tabela 05**  
**Uso de recursos didáticos nas aulas de História**

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Recursos	Retro-projetor		DVD		Música		Dramatização		Fantoche		Paródia		Computador	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Na maioria das vezes	02	7,7	10	38,6	11	36,7	02	7,7	01	3,8	02	7,7	02	7,7
Raramente	08	30,7	08	30,8	07	23,3	04	15,4	03	11,5	-	-	13	50,0
Nunca	14	53,8	05	19,2	12	40	18	69,2	22	84,6	23	88,	09	34,6
Sempre	-	-	02	7,7	-	-	-	-	-	-	01	7,7	02	-
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>100</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>26</b>	<b>100</b>	<b>24</b>	<b>100</b>	<b>26</b>	<b>100</b>	<b>26</b>	<b>100</b>	<b>26</b>	<b>100</b>

Fonte: Questionário do aluno

### 6 – Dificuldade em aprender a disciplina de História pelos alunos x dificuldades em trabalhar a disciplina História (Professor)

Ao serem perguntados sobre a dificuldade dos alunos em aprender História os professores responderam que: 02 professores, ou seja, 66,7 disseram que os discentes por um motivo de acomodação ou por castração não gostam de ler, pois na sociedade capitalista os leitores são poucos; 01 professor, ou seja, 33,3% disse que há um distorção do real e desta forma o aluno não se sente motivado por uma coisa da qual o seu ego não considera importante.

Quanto à dificuldade em trabalhar a disciplina História: 01 professor respondeu que falta leitura para os mesmos; 01 professor, ou seja, 25% respondeu que falta interesse para os sujeitos em questão; 01 professor com 25% pontos percentuais disse que com o corre-corre e devido todos trabalhos tanto na rede municipal quanto na rede estadual faltam tempo; 01 professor com 25% disse que os discentes não conseguem ver nos conteúdos uma real satisfação do seu ego uma vez que há um distanciamento do real.

**Tabela 06**

### Dificuldade em aprender a disciplina de História pelos alunos x dificuldades em trabalhar a disciplina História (Professor)

	Dificuldade do Aluno ao Estudar História		Dificuldade do Professor em Trabalhar Disciplina História			
	Não gosta de ler	Distanciamento do Real	Falta de Leitura do Aluno	Falta de Interesse do Aluno	Falta de Tempo	Conteúdo Pós-realidade do Aluno
Respostas	02	01	01	01	01	01
% Respostas	66,7	33,3	25	25	25	25
<b>Total</b>	<b>100</b>		<b>100</b>			

Fonte: Questionário dos professores

## 7 - Justificativa das dificuldades em aprendizagem em História

Quanto a justificativa do NÃO e do SIM, demonstrada na tabela 05, foram as seguintes: 07 alunos, ou seja, 14,6% acham os conteúdos de história difíceis; 02 alunos, ou seja, 4,2% acham que com esforço e dedicação consegue aprender; 09 alunos, ou seja, 18,7% acham fácil uma vez que o professor explica bem os conteúdos; 4 alunos, ou seja, 8,3% gostam da disciplina; 07 alunos, ou seja, 14,6% acham a disciplina fácil; 04 alunos, ou seja, 8,3% acham difícil porque não gosta da disciplina; 02 alunos, ou seja, 4,2% acham difícil mas afirma que se lerem muito vão aprender; 09 alunos com um percentual de 18,7% são dedicados, logo não possuem dificuldades; 03 alunos, ou seja, 6,2% acham difícil uma vez que não consegue assimilar o conteúdo e, finalmente 01 aluno, ou seja, 2,2% tem dificuldades porque acham os conteúdos longos e parecidos. Foram entrevistados 26 alunos sendo 9 sim e 17 não, na justificativa obtivemos 48 respostas.

**Tabela 07**  
**Justificativa das dificuldades em aprendizagem em História**

Respostas	Quantidade de respostas	Percentual das respostas
Conteúdos difíceis	07	14,6
Com esforço consegue aprovação	02	4,2
Boa explicação	09	18,7
Gosta da disciplina	04	8,3
Acha a disciplina fácil	07	14,3
Não gosta da disciplina	04	8,3
Ler é aprender	02	4,2
Aluno dedicado	09	18,7
Difícil entendimento	03	6,2
Conteúdos longos e parecidos	01	2,2
<b>Total</b>	<b>48</b>	<b>100</b>

Fonte: Questionário do aluno

## 8 – Os conhecimentos de História adquiridos na escola estão preparando você para se tornar um cidadão crítico

Quando foram perguntados se os conhecimentos adquiridos em História estão contribuindo para a sua formação como cidadão e homem crítico, os alunos apresentaram uma imaturidade muito grande, desconhecendo a palavra cidadão e homem crítico, uma vez que apenas 13 alunos que representam 39,4% responderam com clareza que no futuro teria respeito mútuo como cidadão e com certeza teriam dignidade para assumirem seus atos sem preconceito.

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

As outras respostas não tiveram fundamentação teórica e sem argumentação como podem ser analisado a seguir: 01 aluno que representa 3,0 pontos percentuais respondeu que gosta do professor; 03 alunos, ou seja, 9,1% disseram que os conteúdos são muito difíceis; 07 alunos, ou seja, 21,2% disseram que o ensino de História busca apenas informação no passado. 24,2% disseram que História melhora o conhecimento, mas não aguça o raciocínio lógico; 05 alunos, ou seja, 15,2% não sabem o que é ser cidadão; 02 alunos, ou seja, 6,1% disseram que história só serve para interpretar a vida, ou seja, história da vida; 02 alunos disseram que a História ajuda o ser humano a ter respeito mútuo e assumir seus direitos e deveres com dignidade, e finalmente 02 alunos, ou seja, 6,7% responderam com opinião própria, deste modo podemos concluir que 10,2% sabem a definição de cidadão crítico e a maioria 60,6% não tem conhecimento do assunto.

**Tabela 08**

**Os conhecimentos de História adquiridos na escola estão preparando você para se tornar um cidadão crítico.**

Sim – Não		Percentual Sim / Não	Quantidade Justificativa	Percentual de Justificativas
Sim	22	84,6	-	-
Não	04	15,4	-	-
Gosta do professor	-	-	01	3,0
Difícil entendimento do conteúdo	-	-	03	9,1
Busca informação no passado	-	-	07	21,2
Elimina pré-conceito	-	-	03	9,1
Melhora conhecimento	-	-	08	24,2
Não sabe o que é cidadão	-	-	05	15,2
História da vida	-	-	02	6,1
Respeito mútuo e dignidade	-	-	02	6,1
Opinião	-	-	02	6,1
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>100</b>	<b>33</b>	<b>100</b>

Fonte: Questionário do aluno

#### **9 – Conhecimento adquiridos em sala de aula x sua aplicabilidade na vida, tanto na teoria quanto na prática**

No quesito aplicabilidade foram os seguintes resultados: 04 alunos, ou seja, 9,5% se abstiveram, não conseguiram responder; 14,3%, ou seja, 06 alunos aplicariam na sua conscientização e no cumprimento de Lei e na sua integração social no meio; 05 alunos, ou seja, 11,9% aplicariam na ajuda dos familiares, tanto financeira como culturalmente; 02 alunos, ou seja, 4,8% aplicariam na busca de valores culturais; 03 alunos, ou seja, 7,1% acham que não vão aplicar em nada uma vez que só estuda o passado. Foram entrevistados 26

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

alunos, mas obtivemos 42 respostas sendo a mesma uma pergunta aberta, sendo que a somatória de respostas nos conhecimentos adquiridos foram 20 respostas com um percentual de 47,6% e no quesito aplicabilidade dos conhecimentos foram 22 respostas e 52,4% como mostra a tabela 09 abaixo.

**Tabela 09**

**Conhecimento adquiridos em sala de aula x sua aplicabilidade na vida, tanto na teoria quanto na prática.**

CONHECIMENTOS			APLICABILIDADE		
Conhecimento Adquirido	Respostas	% das Respostas	Aplicabilidade Conhecimentos	Respostas	% das Respostas
Conhecer pessoas do passado através de leitura	03	7,1	Abstenção	04	9,5
Respeito às pessoas	01	2,4	Ser consciente	06	14,3
Opinião própria	04	9,5	Respeito às leis	02	4,8
Respeito às religiões	02	4,8	Ajuda mútua aos familiares	05	11,9
Cronologia	02	4,8	Busca de valores	02	4,8
Melhorar conhecimento	05	11,9	Só fala do passado	03	7,1
Criticar com responsabilidade	03	7,1	-	-	-
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>47,6</b>	<b>-</b>	<b>22</b>	<b>52,4</b>

Fonte: Questionário do aluno

#### **10 – Como a escola ajuda os alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem em História**

Três respostas, ou seja, 42,8% disseram que a escola faz reunião com pais e alunos para sanar as dificuldades; 02 respostas, ou seja, 28,6% ajudam individualmente na sala e, por último, 01 resposta, ou seja, 14,3% disse que a escola faz palestra e pesquisa. Foram questionados 03 professores, mas tivemos 7 respostas, devido a pergunta ser aberta.

**Tabela 10**

**Como a escola ajuda os alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem em História**

Ajuda da Escola aos Alunos	Respostas	Percentual das Respostas
Nenhuma maneira	01	14,3
Reunião com pais/alunos	03	42,8
Ajuda individual na sala	02	28,6
Palestra e pesquisa	01	14,3
<b>Total</b>	<b>07</b>	<b>100</b>

Fonte: Questionário dos professores

## Considerações Finais

Pode-se concluir que ainda há muita dificuldade em despertar o interesse dos alunos pela disciplina, mesmo porque os obstáculos são muitos e não se limitam apenas aos problemas diretamente relacionados à competência do professor.

Ainda há um longo caminho a percorrer para que possamos colocá-la totalmente em prática, uma vez que o “sistema” nos impõe uma série de desafios. Dentre os quais o maior deles é ter que transitar entre as imposições oficiais e as alternativas que o professor busca como forma de minimizar e/ou superar as deficiências no processo ensino-aprendizagem.

O ensino público no Brasil é desvalorizado em todos os aspectos: político, econômico e social. O índice de repetência tem diminuído, mas a qualidade destes aprovados é questionável, pois as avaliações governamentais demonstram uma grande deficiência na educação. Vários são os motivos citados como causa dessa deficiência e também vários são os estudos acerca da mesma.

As escolas pesquisadas na parte teórica estão estruturadas, pois suas propostas pedagógicas são as sínteses dos princípios, diretrizes e prioridades estabelecidas pela equipe escolar a partir dos objetivos educacionais e da definição dos alunos e do desempenho da escola, conforme declaram os diretores e coordenadores das mesmas.

A escola pública de Quirinópolis mediante a forma como organiza seu trabalho pedagógico e estabelece seus regulamentos, ritmos e rituais ainda está longe de produzir o sucesso escolar e alcançar os fins educacionais assegurados constitucionalmente.

Em contrapartida, outro item que ficou bastante explícito faz referência à dificuldade nos conteúdos. Apesar de 70% dizerem que não possui dificuldade em aprender História, eles consideram “os conteúdos difíceis, longos e parecidos”. No entanto, alguns alunos reconhecem que a deficiência está relacionada a eles quando dizem que “com esforço e dedicação conseguem aprender e se ler muito vai aprender”.

O conhecimento a respeito da vida nos conteúdos é importante uma vez que de posse dessas informações fica mais fácil identificar o foco da dificuldade. Como podemos comprovar pelas respostas dos alunos a maioria dos conteúdos de maior dificuldade do aluno são os mesmos (ou quase os mesmos) que o professor tem dificuldades em trabalhar. A mesma dificuldade que o professor tem em ministrar a disciplina o aluno adquire em estudá-la. É preciso que se busquem novas práticas metodológicas, novos recursos e fundamentalmente nova forma de compreender o conteúdo dessa disciplina.

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

No cotidiano da sala de aula as atividades são sempre impostas pelos professores até mesmo previamente definidas por conteúdos programáticos citados por currículos e livros didáticos sem levar em consideração os interesses e expectativas do aluno.

Quanto à metodologia, 17,2% dos alunos disseram que os professores utilizam de aula expositiva, sendo que 42,8% não souberam informar e 11,4% se abstiveram em responder. Esta visão do problema provoca certa acomodação nos docentes que muitas vezes percebem o problema e não conseguem estabelecer uma relação direta entre o processo educativo desenvolvido na escola e os objetivos propostos no Projeto Político Pedagógico (PPP). Isto é a prova da diferença existente entre a teoria e a prática.

Diante desse contexto, faz-se necessário que o professor problematize a sua prática pedagógica buscando repensá-la no sentido de melhorar sua atuação enquanto professor, para influenciar positivamente na aprendizagem do aluno. Nesse sentido, propomos uma prática pedagógica que esteja em sintonia com a concepção pedagógica histórico-crítica, pois acreditamos que só ela é capaz de fundamentar, ou seja, instrumentalizar nossa prática futura.

Assim, com essa nova abordagem, a histórico-social, dada aos conteúdos de História, o aluno terá condições de participar melhor do mercado de trabalho e de organizar-se para transformar as relações de produção que impedem a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e humana no contexto social, político, econômico e cultural.

#### Referências Bibliográficas

ABUD, Kátia. **Currículos de História e Políticas Públicas: os programas de história do Brasil na escola secundária.** In.: BITTENCURT, Circe (org.) **O saber histórico em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos).

CABRINI, C. et al. **O Ensino de História: revisão urgente.** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CUNHA, M. I. da. **O Professor Universitário na transição de paradigmas.** Araraquara: JM, 1998.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico.** In: **Durkheim.** 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção os Pensadores).

FREIRE. P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.



MARX, K. **Características essenciais do sistema capitalista, Infra-estrutura e Superestrutura.** In: IANNI, O. (org.). **Marx.** São Paulo: Ática, 1979. (Grandes Cientistas Sociais, 10).

MOYSÉS, Lúcia. **O desafio de saber ensinar.** In.: MOYSÉS, Lúcia. **O desafio de saber ensinar.** 2. ed. Campinas: Papirus/EDUFF, 1995.

PIGNATA, M<sup>a</sup>. Izabel Barnez. **Tipos de pesquisa.** In:\_\_\_\_\_. **Especialização em metodologia em ensino fundamental.** Goiânia: v.1. unid. 2, p. 114. CEGRAF/UFG, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ferramentas para elaboração do projeto de monografia.** In:\_\_\_\_\_. **Especialização em metodologia em ensino fundamental.** Goiânia: v.1. unid. 2, p. 135. CEGRAF/UFG, 2008.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-crítica:** primeiras aproximações. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula.** In.: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2002.